

**RAQUEL, DE LYGIA BOJUNGA E MARIA, DE ALICE VIEIRA -
ADOLESCENTES ATUANDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO
MENOS DESIGUAL**

Renata Flaiban Zanete (UMINHO)¹

Resumo: *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, de 1976 e *Úrsula, a maior*, de Alice Vieira editada em 1997, ambas obras destinadas a crianças e adolescentes, colocam-nos em contato com Raquel e Maria, meninas que não aceitam os limites que a sociedade falocêntrica, representada principalmente pela família, tenta impor a elas. Os ensaios *Um quarto só para si* e *Profissões para mulheres*, de Virginia Woolf, são marcos na escrita feminista que ressoam na trajetória das protagonistas-questionadoras. As personagens, por meio da ficção, falam às meninas dos dias de hoje que vale a pena assumir as rédeas do próprio destino, escrever a própria história, em vez de se deixar abater pelos desejos alheios.

Palavras-chave: Identidade; Desejo; Feminismo; Empoderamento; Adolescência

*“Um movimento que conduza à mudança
reside nos sentimentos, nos actos e nas
palavras”*

(Adrienne Rich)

Primeiras palavras

A Literatura apresenta-se como rica aliada para a formação das gerações mais jovens numa perspectiva crítica e libertária. Passar da infância à adolescência num ambiente em que as ideias reacionárias estão numa espécie de cabo-de-guerra com ideias mais progressistas, requer certo esforço para que o sujeito se encontre, e se constitua como tal, em meio a estas disputas. A adolescência constitui-se num período de grandes mudanças: corporais, de atitudes, de gostos e principalmente por afirmação de ideais em contraposição aos valores e modos de vida das gerações anteriores.

A bolsa amarela, de Lygia Bojunga, editada pela primeira vez em 1976 e *Úrsula, a maior*, de Alice Vieira, que teve sua primeira edição em 1997, ambas obras destinadas a crianças e adolescentes, colocam-nos em contato com Raquel, que tem 10 anos e Maria, que completa 15 ao final da narrativa. Meninas que não aceitam os limites que a sociedade falocêntrica, representada principalmente pela família, tenta impor a elas.

¹ Graduada em Pedagogia e Mestre na área de Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da USP. Doutoranda do Programa Modernidades Comparadas – ILCH – UMINHO. Contato: ciarodamoinho@gmail.com

Gênero, identidade e desejo na adolescência feminina

A bolsa amarela começa assim:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades (...) Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. (BOJUNGA, s.d., p. 9).

Raquel transita entre as relações familiares e os amigos imaginários, que saem de sua produção ficcional, com espírito crítico e muita graça. Se ao princípio do romance Raquel quer esconder a vontade de ser escritora, ao final, após inúmeras repreensões e persistências, ela sente que escrever é um ato libertador, que a deixa mais leve, assim como à bolsa amarela, onde esconde e carrega seus desejos reprimidos. “Minha semana de castigo foi ótima: escrevi à vontade – tudo que passava na minha cabeça, e tudo que acontecia na bolsa amarela.” (BOJUNGA, s.d., p. 125). O caminho de Raquel é tortuoso, ao esbarrar nos irmãos que tentam minar o ser escritora que a habita. A irmã a repreende, ao encontrar as cartas escritas pela menina e duvidar que tudo fosse ficção: “Disse que eu não tinha jeito, me deu puxão de orelha, fez queixa p’ró meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim, e eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé. Desisti de escrever carta.” (BOJUNGA, s.d., p. 21). E Raquel passa a escrever romance, com animais e objetos que estão sempre lutando para impor seus desejos, na descoberta de suas identidades.

Ela prossegue: “(...) eu acho muito melhor ser homem do que mulher (...) Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode.” (BOJUNGA, s.d., p. 16). E fala em jogar futebol, ser chefe de brincadeira, chefe de família, meter as caras no estudo e até pra resolver casamento. O “ideal de vida e de sucesso”, que se resume a ser sustentada por um marido, sem ter que trabalhar, aparece na fala da irmã de Raquel: “Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade.” (BOJUNGA, s.d., p. 13) Raquel inventa então que um pretendente da irmã disse, sobre ela: “você é tão burra que chega a meter aflição.” (BOJUNGA, s.d., p. 13). É através destas invenções que Raquel consegue demonstrar sua personalidade, incomoda a família e questiona as convicções e valores familiares. No texto “A Página em branco” Susan Gubar escreve: “(...) a arte da mulher é produzida por um ferimento doloroso, uma influência literal da autoridade masculina.” (2002, p. 114). A Casa dos Consertos, um lugar metafórico que Raquel encontra é assim: as

funções domésticas não se restringem a sexo ou idade, não há um “chefe de família”, todos vivem em rodízio pelas tarefas da casa, os livros e os estudos fazem parte da vida de todos: pai, mãe, avô e menina. Raquel encontra ali, naquele outro modelo, a chave para sentir-se mais confortável em ser quem é, menina, filha, que gosta de escrever, com seu próprio corpo e idade. Raquel está a forjar sua identidade. Como diz Stuart Hall “(...) identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo ‘sempre em processo’.” (2000, p. 106).

Maria, a narradora de *Úrsula, a maior*, vive cercada por muitas mulheres: a mãe e a tia Graciosa, de valores bastante tradicionais e conservadores, a atual mulher do pai, Carolina, que tem ideias progressistas, duas meninas que a mãe ajudou a criar, uma senhora pobre que a mãe sistematicamente ajuda e finalmente a menina Úrsula, chamada de Xuxu, que tem uma família ultra-conservadora, que a promete em casamento a um primo, e vem de uma remota aldeia portuguesa para estudar em Lisboa. Passa a dividir o quarto com Maria, que coloca-se então, como objetivo de vida, conduzi-la ao “caminho do bem”, ou seja, ao caminho de fazê-la assumir seus próprios desejos e não os da família. A vida não pode se resumir, aos 13 anos, a aguardar um casamento arranjado com um primo, porque este possui posses. Com muito humor, ao longo do livro, nos deparamos com a transformação dos valores, da identidade da personagem, a partir das relações que ela tece com outras mulheres e rapazes. Alice Vieira coloca Maria João, ao fim da narrativa, a revelar que *Úrsula, a maior* é uma obra escrita bem no dia em que Maria completa 15 anos. É bonito observar que a celebração da data se dá com a conclusão de “uma obra bem feita”, isto é, a “abertura da cabeça” da amiga para ideias feministas, que lhe permitam assumir seus desejos e tomar as rédeas de seu próprio destino e, ao mesmo tempo, o término da escrita do livro que estamos a ler. Ela assim escreve, em primeira pessoa:

E se hoje me deu para contar esta história toda é porque é dia dos meus anos [...] cá estou eu finalmente com o meu quarto só para mim – mas, ao contrário do que sempre pensei, nem sequer me sinto feliz por isso. Acho que já estou tão habituada a ter gente na outra cama que me sinto um bocado abandonada (VIEIRA, 2008, p. 162-163)

Um quarto só seu

O ensaio *A room of one's own*, traduzido em língua portuguesa como *Um quarto só para si*, de Virginia Woolf, é um marco na escrita feminista, publicado pela primeira vez em 1929. A autora reivindica, às mulheres, este espaço de um quarto só seu, a fim de que tenham privacidade e liberdade para escreverem o que bem entenderem. Raquel tem, por diversas vezes, o quarto invadido pelos familiares e Maria, ao longo de sua história, divide o quarto com outras meninas que a mãe resolve acolher e ajudar. Ao mesmo tempo que estas outras meninas lhe incomodam, também instauram nela o desejo de provocá-las com o que lhe parece ser interessante, no que toca ao alargamento dos horizontes de vida. Maria é uma adolescente feminista. Virginia Woolf diz que o mundo responde com “uma gargalhada grosseira” (2005, p. 81), cheia de hostilidade às mulheres que escrevem ficção, o que vemos acontecer com Raquel e seus escritos diante da família. E Woolf continua: “Fechai à chave as vossas bibliotecas se quiserdes; mas não existe portão, fechadura ou ferrolho que possa trancar a minha liberdade de espírito” (2005, p. 111). É em busca desta liberdade que nossas protagonistas adolescentes atuam. Tanto Raquel como Maria João têm grande apreço pelo mundo da linguagem, da arte e da comunicação. Maria quer ser atriz ou defensora dos direitos das mulheres, quando for adulta, e vive a ensaiar estes papéis já no presente. Raquel, sendo mais nova que Maria, envereda mais pelo mundo da imaginação, convivendo com personagens que inventa como uma bolsa, um fecho de bolsa, um galo, um guarda-chuva, um alfinete, como se fossem reais. A autora se utiliza de metáforas para tratar de conflitos, pensamentos amarrados, viagens e aventuras como as trajetórias próprias da vida. Maria, por sua vez, lança mão da ironia e dos dramas dos personagens teatrais, num tom mais realista, e diz textos que ela tem decorado, ao deparar-se com situações-problema no dia-a-dia.

A questão de ter um quarto só para si, levantada por Woolf, surge explicitamente nas duas obras literárias. Maria João assim se expressa: “(...) meu Deus, quando terei um quarto só para mim?” (VIEIRA, 2008, p. 8). “(...) como me souberam bem aqueles meses com o quarto inteirinho para mim! (...) Aproveitei e morri de todas as maneiras e feitos (...)” (VIEIRA, 2008, p. 51) ensaiando cenas teatrais. “Um quarto só meu era o grande sonho da minha vida. Quase tão importante como vir a ser atriz no Nacional. Paredes só minhas, um espelho só meu, cheiros só meus.” (VIEIRA, 2008, p. 71).

Rosi Braidotti fala de uma “tecnologia do ser”, isto é, a “constituição de identidade e aquisição da subjectividade enquanto formas de acesso ao poder, ou direito

a certas práticas” (2002, p. 159). É nessa linha de constituição de identidade que Maria e Raquel se inserem.

Virginia Woolf, no ensaio *Profissões para mulheres* refere-se a “The Angel in the House”, dessa maneira: “Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel quando eu estava a escrever. Era ela que me incomodava e roubava o meu tempo e atormentava-me, até que, acabei por matá-la.” (2008, p. 43) Woolf conta que matou este anjo feminino para não ser assassinado por ela. Essa espécie de fantasma lhe sussurrava:

Nunca deixes ninguém supor que tu tens vontade própria. Antes e acima de tudo, sê pura... todas as vezes que eu sentia a sombra da sua asa ou a luz da sua aura radiante sobre a página, eu pegava no tinteiro de tinta e atirava sobre ela. Ela custou imenso a morrer... É muito mais difícil matar um fantasma, do que uma realidade (WOOLF, 2008, p. 45)

A mesma fantasma que assombrava Woolf e foi por ela assassinada, ronda Úrsula na Casa Grande, em sua aldeia, e ela irá descobrindo isso aos poucos, até chegar ao ponto de se chocar com os valores e o modo de ser dos pais, que exigem justamente que ela seja esta alma pura e obediente. E Alice Vieira escreve, através de Xuxu

Aquilo que eu descobri é que gosto de fazer as coisas por prazer e não por obrigação, ou porque alguém manda... Eu não quero ser de plástico, nem uma menina-modelo... Não é já com o casamento que eu sonho. Agora aquilo com que eu sonho é poder um dia arranjar um emprego e trabalhar. (Vieira, 2008, p. 158)

Hall nos lembra que “A identificação é, pois, um processo de articulação (...) Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.” (2000, p. 106). Xuxu se identifica com Carolina, que aprendeu a andar de bicicleta com o professor de violino, já que não tinha gosto no aprendizado e a família não queria aceitar isso. É um modelo totalmente diferente de ser mulher, em relação àqueles que conhece, com quem Xuxu convive. Griselda Pollock escreve:

O corpo é uma construção, uma representação, um local onde a marca da diferença sexual é inscrita, e é devido ao facto de o corpo ser um símbolo que ele tem sido tão investido na política feminista como um local privilegiado da nossa resistência.” (2002, p. 200)

A convivência com Carolina faz com que Xuxu reveja sua maneira de ser, viver e lidar com seu corpo e desejos. Já admite tratar as pessoas sem tanta cerimônia, sorri mais, pede menos desculpas e demonstra ter alguma visão crítica sobre o mundo, ao

questionar a repetição e banalidade da revista das celebridades que antes ela gostava de ler.

Para a mãe de Maria, política é coisa de homem. E ela, com sua característica perspicácia, interroga: “(...) então só os homens é que sofrem os males deste mundo (...)”, ao que a mãe lhe diz para calar. E a garota conclui: “(...) os pais perdem muito depressa o poder de argumentação.” (VIEIRA, 2008, p. 79) Este embate com o mundo dos adultos acontece com recorrência tanto na trajetória de Raquel como na de Maria. É na construção de suas subjetividades, diferenciando-se do que lhes desagradava onde vivem, que estas meninas vão se fazendo adolescentes. Em contraposição aos valores da mãe, Maria pensa: “(...) filha que eu tenha nunca irá pensar que o único destino de uma mulher são sininhos a tocar e um vestido branco a arrastar pelo chão.” (VIEIRA, 2008, p. 99).

Elaine Showalter (2002) fala da relevância da “Teoria Cultural”, nas quais as diferenças importantes entre as mulheres – raça, classe, nacionalidade, história, determinantes literárias, apresentam-se tão significativas quanto a questão do gênero. São estas diferenças que Úrsula percebe, ao entrar em contato com mulheres que em nada se parecem com sua mãe, que têm profissões, classes sociais diversas, condições econômicas e valores que explodem a redoma em que a jovem vivia até então.

A título de conclusão

Tanto Raquel como Maria revelam hipocrisias e relações doentias, bem como as forças patriarcais que dominam o meio onde vivem. Woolf, também em *Um quarto só para si*, defende que as desvantagens educativas, sociais e financeiras comprometem a criatividade feminina. Diz ainda que em cada um de nós operam “duas forças, uma masculina e outra feminina” (WOOLF, 2005, p. 16). A autora imagina como seria se Shakespeare tivesse uma irmã, que também quisesse escrever e trabalhar no teatro, que fosse tão genial como o irmão. Que impedimentos e restrições lhe seriam impostos. Que falta de acesso à educação, às leituras, ao ambiente teatral que teve o irmão lhe prejudicariam o desenvolvimento da carreira e do talento (WOOLF, 2005, p. 74).

A metaficção está presente nas duas obras, pois as adolescentes são ao mesmo tempo personagens e escritoras das narrativas que estamos a ler. Lygia e Woolf, ao se

tornarem editoras, assumiram o poder de decidir o que editar, romperam a barreira de não ser editada, abriram as possibilidades para editar e fazer circular as próprias obras.

O protagonismo feminino adolescente que vemos nas duas obras analisadas também surge em outras obras das premiadas e muito traduzidas autoras Lygia Bojunga (*Corda Bamba, O abraço*) e Alice Vieira (*Meia hora para mudar a minha vida, Rosa, minha irmã Rosa*). Assim, Raquel e Maria João não estão sozinhas. Fazem parte de um grupo de heroínas que falam às meninas dos dias de hoje que vale a pena assumir as rédeas do próprio destino, escrever a própria história, ter a profissão que quiser, em vez de se deixar abater pelos desejos alheios sobre seu presente ou futuro.

Referências

BOJUNGA, L. *A Bolsa Amarela*. Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga, s.d.

BRAIDOTTI, R. A diferença sexual como um projecto político nómada. Tradução de Joana Passos. In MACEDO, A. G., (Org.) *Gênero, Identidade e Desejo*. Lisboa: Edições Cotovia, 2002, p. 143-160.

GUBAR, S. A ‘Página em branco’ e questões acerca da criatividade feminina. Tradução de Francesca Rayner. In MACEDO, A. G. (Org.) *Gênero, Identidade e Desejo*. Lisboa: Edições Cotovia, 2002, p. 97-124.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In SILVA, T. T. da. (Org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 103-133.

POLLOCK, G. A política da teoria: gerações e geografias na teoria feminista e na história das histórias de arte. Tradução de Ana Gabriela Macedo & Maria Amélia Carvalho. In MACEDO, A. G. (Org.) *Gênero, Identidade e Desejo*. Lisboa: Edições Cotovia, 2002, p. 191-220.

RICH, A. Notas para uma política da localização. Tradução de Maria José da Silva Gomes. In MACEDO, A. G. (Org.) *Gênero, Identidade e Desejo*. Lisboa: Edições Cotovia, 2002, p. 15-35.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no deserto. Tradução de Margarida Esteves Pereira. In MACEDO, A. G. (Org.) *Gênero, Identidade e Desejo*. Lisboa: Edições Cotovia, 2002, p. 37-74.

VIEIRA, A. *Úrsula, a maior*. Alfragide: Editorial Caminho, 2008.

WOOLF, V. *Um Quarto Só para Si*. Tradução de Maria de Lourdes Guimarães. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2005.

WOOLF, V. *O estatuto intelectual da mulher seguido de Profissões para mulheres*. Tradução de Manuela Felício. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2008.